

<DIV style="HEIGHT: 1px"><IMG height=1
src="http://observatorio.ig.atmo.predicta.com.br/atmo/cap/\$s=239\$jsv=0\$un=" width=1></DIV>



ISSN 1519-7670 - Ano 14 - nº 477 - 18/8/2009



OBSERVATÓRIO | SEÇÕES | BLOGS | OI NA TV | OI NO RÁDIO | SERVIÇOS | CONTATO

Armazém Literário

Início > Índice Geral > Armazém Literário

[\[imprimir\]](#) [\[enviar por email\]](#) [\[link permanente\]](#)

BRUXO DO COSME VELHO

O outro Machado de Assis

Por **Deonísio da Silva** em 18/3/2008

A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista, de Gustavo Franco, 272 pp., [Jorge Zahar Editor](#), Rio de Janeiro, 2008

Eis um bom livro. É *A Economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*, de Gustavo Franco, professor da PUC-Rio e ex-presidente do Banco Central. Livro delicioso, provocante e criativo, do começo ao fim. Lembra-me os infundáveis vieses e portas de entrada para leitura de um escritor que levou a literatura brasileira aos píncaros.

Para tanto, Machado teve que vencer a pobreza, a orfandade, a epilepsia, a gagueira, o preconceito étnico, as maldosas insinuações por ter casado com uma branca sendo mulato e ainda a terrível escolha de não ter tido filhos para não transmitir o legado da doença hereditária.

Em todas as universidades onde o signatário ensinou e ainda ensina, sempre procura dar a Machado de Assis o lugar que ele merece, no curso de Letras especialmente, mas também em todos os outros cursos. Foi assim na Universidade de Ijuí (RS) e na Universidade Federal de São Carlos (SP) e é assim na Universidade Estácio de Sá, no Rio. O brasileiro pode entrar para a universidade sem ler Machado de Assis, mas não pode sair dali sem ter lido este, mais que gênio, oxigênio de nossas letras. Infelizmente, é autor pouco entendido e mal ensinado. Já no ensino fundamental e médio os estudantes são ensinados a ignorar ou, mais do que isso, odiar Machado de Assis.

O olho do economista

Lembro o trabalho de uma aluna, que em meus tempos de professor no campus de concentração da Universidade Federal de São Carlos, veio propor-me – ao final do curso, encantada com a leitura de *Dom Casmurro* – um outro olhar. Não queria repetir ninguém, pois o professor criticava muito o vício universitário de nada afirmar, nada criar, simplesmente repetir *ad nauseam* outras leituras, sempre segundo alguma bibliografia indicada que, em vez de ajudar, atrapalhava, pois Machado era visto mais pelo conteúdo, sem que fossem sequer comentados seus criativos recursos de estilo. E ela fez um belo trabalho, temperando-o ainda com um capítulo sobre a homeopatia!

Deonísio da Silva

Escritor, doutor em Letras pela USP e professor da Universidade Estácio de Sá, onde é vice-reitor de pesquisas e pós-graduação; seu livro mais recente é o romance *Goethe e Barrabás* (Editora Novo Século)

Outros artigos desta Seção

BRUXO DO COSME VELHO
[O outro Machado de Assis](#)
Deonísio da Silva
18/3/2008

COLEÇÃO DA FOLHA
[Os livros de sempre](#)
Gabriel Perissé
18/3/2008

ENTREVISTA / TANIA MENAI
[Brasileiros em Nova York](#)
Paulo Lima
18/3/2008

ESTANTE
[Saussure não foi ao cinema](#)
18/3/2008

Últimos 5 artigos de Deonísio da Silva

SARNEY ESCRITOR
[O Gattopardo do Brasil](#)
18/8/2009

VIAGENS NA NET
[Visita ao bloqueio de José Saramago](#)
11/8/2009

CENSURA À IMPRENSA
[Proibições do "dotô coroné prefeito"](#)
4/8/2009

Com efeito, José Dias, homeopata, utiliza recursos semelhantes aos do método homeopático, administrando as doses do remédio/veneno a D. Glória e a Bentinho: contrariando a vontade do filho, D. Glória o põe no seminário, com a ajuda de José Dias. Contrariando a vontade da mãe, Bentinho sai do seminário, com a ajuda de José Dias.

LEITURAS DE BRAVO!
[Os livros essenciais. Mesmo?](#)
28/7/2009

LÍNGUA & POLÍTICA
[Aos pizzaiolos de Brasília](#)
21/7/2009

[Mais artigos de](#)
[Deonísio da Silva >>](#)

São deliciosos paradoxos parecidos com esse que emergem do olhar que Gustavo Franco lança, não sobre algum romance de Machado de Assis, mas sobre algumas das mais de 600 crônicas que ele escreveu, restringindo-se àquelas em que o foco é a economia. Neste particular, a iniciativa de Gustavo Franco é exemplar por vários motivos, mas um em especial: o economista não se traveste de crítico literário. O que temos é um leitor esplendidamente qualificado para realizar a sua leitura com o olho armado do economista.

"Estabilidade dos valores"

O olhar do escritor é agora contemplado pelo olhar do economista, de que são exemplos as observações feitas por Gustavo Franco ao rerecr crônica em que o humor de Machado oscila entre rir da sabedoria do acionista ou exaltá-la:

"Eu supunha que o acionista era uma criatura obediente, pacata, sabendo cinco até seis palavras da língua, e nenhuma negativa, salvo quando uma negativa equivale à afirmativa; por exemplo: – Parece-lhe que temos andado mal? – Não, senhor! – Acha que devemos entregar a prebenda a outros cavalheiros? – Nunca!"

Outro dos méritos de Gustavo Franco está na seleção das crônicas. Em "O negócio das debêntures e o habeas corpus", puro deleite, dá-se o seguinte diálogo:

"... Como agora ouço muito falarem habeas corpus, vinha, sim, vinha perguntar-lhe se esses títulos são bons, e se estão caros ou baratos".

O interlocutor, desapontado, replica que não são títulos e ouve em resposta que o nome, habeas corpus, como debênture, também é estrangeiro. E ouve em resposta:

"Sim, mas nem por ser estrangeiro, é título; aquele doutor que ali mora defronte é estrangeiro e não é título".

"O câmbio e as pombas" foi publicada em agosto de 1896, quando o câmbio havia se consolidado, desde março daquele ano, em 8 pence por mil réis. Escreve Machado:

"Não tenho relações diretas com o câmbio; não sacho sobre Londres, nem sobre qualquer outro ponto da terra, que é assaz vasta, e eu, demasiado pequeno. Mas tudo o que compro caro, dizem-me que é culpa do câmbio."

Diz Franco:

"O número que assustava o cronista era uma indicação poderosa da irreversibilidade da queda, ou de que o país havia entrado numa nova fase, onde já não se podia mais falar, genérica ou especificamente, na 'estabilidade dos valores'."

Os tempos republicanos tinham começado recentemente, havia menos de sete anos. E a economia já decolava aos solavancos!

Comentários (5) [Comentar](#) [Compartilhe](#) [\[imprimir\]](#) [\[enviar por email\]](#) [\[link permanente\]](#)

Este é um espaço de diálogo e troca de conhecimentos que estimula a diversidade de idéias e pontos de vista. Não serão publicados comentários com xingamentos e ofensas ou que incitem intolerância ou crime. Os comentários devem ser pertinentes ao tema da matéria e aos debates que naturalmente surgirem. Evite vulgaridades e simplificações grosseiras. Não escreva em maiúsculas: isso dificulta a leitura do texto e, na linguagem da internet, é interpretado como gritos. Mensagens que não atendam a estas normas serão deletadas, e os comentaristas que habitualmente as transgredirem poderão ter interrompido seu acesso a este fórum.

Nome : Sobrenome
:
E-mail: Profissão:
Cidade: Estado:

Comentário:

para o limite de 1400.



Digite no campo abaixo o texto que você vê na imagem ao lado.

Luciano Brito , triunfo-RS - educador social

Enviado em 14/10/2008 às 2:58:12 PM

texto soletado (mp3)

peço de texto adaptado para fazer pequena apresentação às crianças de minha cidade na próxima feira do livro que se realizará em novembro. O texto deve ser de machado de assis ou clarice lispector. certo de sua atenção desde já agradeço. Luciano...

Deonísio da Silva , Rio-RJ - escritor e professor

Enviado em 24/3/2008 às 11:39:58 AM

Agradeço a leitura e os comentários. O dramaturgo Jair Alves discerne uma coisas, o advogado/autor Ricardo Camargo, outras; outras ainda o escrivão Evandro Trigueiro Tavares. Todos lembram como é pertinente, por muitos motivos, rler Machado, lembrar Machado e dialogar com Machado.

Ricardo Camargo , Porto Alegre-RS - advogado

Enviado em 22/3/2008 às 5:44:34 PM

Prof. Deonísio, com todas as profundas divergências que tenho com o sr. Gustavo Franco, não posso deixar, aqui, de apontar-lhe o mérito de haver buscado um Machado de Assis que vem a ser uma verdadeira fonte primária da vida econômica do II Império (nasceu ele um ano antes da maioridade) e da Primeira República. Assim, foi ele ao cronista, e não ao ficcionista, para o efeito de dar a sua obra o tratamento de um documento de época.

Evandro Trigueiro Tavares , Manaus-AM - Escrivão

Enviado em 21/3/2008 às 7:17:36 PM

Lembro-me que no Ensino Médio, estudava Literatura Brasileira, principalmente através daqueles volumes da série Bom Livro da Ed. Ática, cuja capas eram horrorosas: tinham sempre duas tarjas pretas, em cima e embaixo, no meio alguma pintura em cores berrantes com a personagem principal. Quanto aos livros didáticos, por que nos ensinam que Machado de Assis era realista? Quando na verdade Machado era um escritor que usava um pouco de realismo, simbolismo, impressionismo, sempre mais preocupado com os estados de espírito, com a "paisagem interior" das personagens. Em seus contos, ele fazia verdadeiras "viagens", experimentações literárias. No conto "Cônego ou Metafísica do Estilo", Machado faz metalinguagem pura; no conto "Viver", há um inusitado diálogo entre Aasverus, o Judeu Errante, e Prometeu que parece ter saído das páginas de "Assim Falava Zaratustra".

Jair Alves , São Paulo -SP - dramaturgo

Enviado em 20/3/2008 às 1:01:49 AM

Caro Deonísio, Começo pelo seu final. Pelo início da era republicana o nos seus primeiros sinais de modernização da economia e modo de ser do brasileiro. Machado, como vc bem diz foi fundo na alma brasileira (ou teria sido Otavio Paz quem disse isso?). Quando nos amigos lá no centro do poder resolver mergulhar, assim como Machado, na vida da República Brasileira, não poderá prescindir de seus escritos. Só para registro. Em 1976 o dramaturgo e diretor teatral José Antonio de Souza teve a ousadia de colocar em cena contos de Machado de Assis, contrariando a tese (absurda por sinal) de que ele não tinha talento para teatro. Talvez não tivesse o jeito adequado para colocar em cena um texto acabado. Pudera, com Martins Pena na sua cacunda. Mas foi um texto delicioso, espero que um dia se faça justiça a essa montagem. Creio que MACHADO DE ASSIS ESSA NOITE, seguramente é uma das mais singelas montagens de todos os tempos que habitou o palco brasileiro. Tudo porque Machado era Machado. Bela lembrança a sua.

Compartilhe este texto



